
A violência de todas as formas - um problema de saúde coletiva

Carlos Antonio Bruno da Silva⁽¹⁾

Define-se violência como sendo o uso intencional de qualquer tipo de força, quer física ou psicológica, com o objetivo de causar o mal⁽¹⁾. A violência manifesta-se de várias formas: física, psicológica, por negligência de quem tem o dever de cuidar, sexual e por desrespeito a dignidade do ser humano. Ocorre em diferentes graus de severidade sendo a morte, caracterizada no homicídio e no suicídio, o estágio de maior gravidade. Qualquer que seja a sua forma de manifestação sempre é prevenível e evitável.

A história da violência vem desde os primórdios na luta por terra, por poder. A violência esteve presente, na formação dos grandes impérios, os exércitos faziam guerra matavam e mutilavam pessoas na expansão dos seus domínios territoriais. Negligenciava o valor da vida humana. A raiz da violência apresenta-se multivariada. Ela vem desde interesse contrariado, à ambição, ao ódio à sede de domínio.

A partir da Segunda Guerra Mundial passou a haver um aumento acentuado na frequência de casos de violência em todo o mundo⁽²⁾. Estamos em um período de comoção social. Dados das nações unidas indicam que no ano de 2004 havia no mínimo 50 conflitos étnicos ou políticos violentos apontando um número estimado de 1,5 milhões de mortes de crianças na última década⁽³⁾. Os fatores mais relacionados a esta violência são: a desigualdade, a exclusão e a iniquidade gerados por desajustes familiares, sociais ou políticos, que não conseguem ser resolvidos por meios pacíficos⁽⁴⁾.

Por outro lado o modelo ecológico explica a violência dividindo-a em níveis: o nível biológico e pessoal, o das relações familiares e de amizade, o da comunidade e por fim o nível dos fatores sociais que contribuem para criar uma situação de inibir ou fomentar as atitudes violentas^(5,6).

A violência de todos os tipos impera soberana de forma jamais vista. O que antes era restrito a algumas esferas da sociedade e em alguns locais específicos, avança impune inclusive para dentro de nossas casas. Apesar de estar comprovado o comportamento violento por parte das crianças após a exposição a atitudes belicosas toda esta violência é diariamente retratada em nossas televisões⁽⁷⁾.

A violência é um fenômeno mundial, sendo as Américas, uma das regiões mais afetadas, segundo dados da Organização Panamericana de Saúde (OPS) são registrados anualmente cerca de 120.000 homicídios e 55.000 suicídios sendo a primeira causa de morte entre os jovens de 15 a 29 anos em vários países⁽⁴⁾.

O Brasil tem altíssimos índices de violência urbana, doméstica, familiar e contra a mulher⁽⁸⁾. Sabe-se que o desrespeito é o principal causador de violência de qualquer que seja ele: o econômico, o social, o conjugal, o familiar e o interpessoal.

Os efeitos da violência são coletivos, sociais e culturais. Ocorre a redução da interação social, altera o comportamento da população, menospreza a solidariedade humana, acarreta a percepção, a insegurança. Ela aumenta as diferenças sociais e reduz a chance de inversão de rentabilidade. Nas cidades nota-se que os cidadãos se

1) Médico, Professor titular do mestrado em Educação em Saúde, Universidade de Fortaleza

amuralham e desaparece o espaço público. Há uma segregação social, espacial e temporal.

Neste número da RBPS veremos facetas desta violência: um editorial sobre o Carnaval, um artigo original sobre acidentes de carro na Turquia e o terceiro sobre a tentativa de minimizar a marginalidade na Espanha a partir das leis vigentes para estrangeiros.

The approach of mothers towards the security of the child in a car in Sakaraya, Turkey. Os acidentes de carro envolvendo vítimas crianças chocam as pessoas e costumam trazer sentimentos de remorsos aos guiladores responsáveis. Muitos poderiam ser evitados se não houvesse a imprudência e a negligência do condutor de veículo e/ou dos cuidadores das crianças. Este trabalho analisa o comportamento preventivo das famílias com as crianças e as normas de segurança em veículos. Tema atual, de relevância na Saúde Pública pelas implicações de sofrimento, hospitalização e suas formas mais graves a incapacidade e a morte⁽⁹⁾.

Embora seja difícil estabelecer o caráter de intencionalidade, os acidentes têm sido considerados como uma forma de violência, pois resultam de ações ou omissões humanas passíveis de prevenção e frutos de negligência dos responsáveis, da falta de investimento público ou da ausência de controle eficaz no trânsito⁽³⁾.

Evolución de las políticas activas de empleo para imigrantes en España. Observa-se que a mobilidade de pessoas na categoria de emigrante e de forma irregular no país repercute no bem-estar, na estabilidade econômica, nas condições de trabalho e renda do receptor. Também gera a tensão gradual entre o direito de ir e vir e a tendência crescente das barreiras impostas unilateralmente pelo país. O processo migratório altera com o contingente populacional as possibilidades de políticas sociais, econômicas e culturais. Este assunto é polêmico. Há posicionamentos doutrinários divergentes, há migrações regulares e irregulares que devem possuir um tratamento diferenciado. Diversas regiões do mundo estão sofrendo com discriminação para com os imigrantes⁽¹⁰⁾.

Atualmente, a violência passou a ser mais conhecida e discutida. A tecnologia com a informática e os meios de comunicação levaram as notícias aos lares. Também mudou a forma do crime e, ainda, os envolvidos com o crime, houve elevado grau de sofisticação já alcançado e que a cada dia se aprimora mais, emprego de armas poderosas e de tecnologia, financiamento abundante decorrente da ligação entre crime organizado e as drogas não lícitas, a banalização do fato em notícia, tudo isto apavora o cidadão de bem. Vale dizer que depois do pós-guerra o cidadão cresceu em valores humanos o crime passou a agredir muito mais. Também acresce que o Estado não se preparou para prevenir e nem para combater o crime.

As propostas de resolução do problema são inúmeras, mas têm sido ineficazes e utópicas. A OMS a partir da assembléia mundial de saúde propôs como medidas para a redução da violência o estabelecimento de planos nacionais direcionados a definir prioridades com investigação local de causas, custos e prevenções, reforçar a resposta das vítimas, integrar a prevenção da violência com as políticas públicas vigentes, incrementar o intercâmbio de informações e finalmente inibir o tráfico de drogas e armas⁽⁴⁾. Cumpre agora, que cada país planeje as melhores estratégias de resolver este tão grave problema social.

Referências

1. Garfield R, Llanten Morales CP. The public health context of violence in Colombia. Rev Panam Salud Publica 2004 Oct;16(4):266-71.
2. Cruz JM. El impacto psicosocial de la violencia en San Salvador. Rev Panam Salud Publica 1999 Abr; 5(4-5):295-302.
3. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. Rev Panam Salud Publica 2004 Jul; 16(1):43-51.
4. Concha-Eastman A, Krug E. Informe mundial sobre la salud y la violencia de la OMS: una herramienta de trabajo. Rev Panam Salud Publica 2002 Oct;12(4):227-9.
5. La violencia, un problema esencial de salud pública, declara la OMS en su Reporte Mundial sobre Violencia y Salud. Salud Pública Méx 2002 Nov; 44(6):583-4.
6. Pellegrini Filho A. La violencia y la salud pública. Rev Panam Salud Publica 1999 Abr; 5(4-5):219-21.
7. Pérez-Olmos I, Pinzón ÁM, González-Reyes R, Sanchez-Molano J. Influencia de la televisión violenta en niños de una escuela pública de Bogotá, Colombia. Rev salud pública 2005 Mar; 7(1):70-88.
8. Lima MLC de, Ximenes RA de A, Souza ER de, Luna CF, Albuquerque M de FPM de. Análise espacial dos determinantes socioeconômicos dos homicídios no Estado de Pernambuco. Rev Saúde Pública 2005 Abr; 39(2):176-82.
9. Çinar ND, Şahin S, Filiz TM, Topsever P. The approach of mothers towards the security of the child in a car in Sakaraya, Turkey. Revista Brasileira em Promoção da Saúde 2006; 19(1): 40-4.
10. Romero FS. Evolución de las políticas activas de empleo para imigrantes en España. Revista Brasileira em Promoção da Saúde 2006; 19(1): 45-52.